

O uso de metáfora por pessoas vivendo com demência: entre o problema de compreensão e a possibilidade de significação

The use of metaphors by people living with dementia: between the problem of comprehension and the possibility of signification

Marina Guitti de Souza¹

Edwiges Maria Morato²

Resumo: Os discursos de pessoas com demência frequentemente escapam às formas convencionais de linguagem. O uso metafórico, nesse contexto, pode ser interpretado como um erro de linguagem sob a perspectiva gramatical normativista. A partir da neurolinguística, as alterações de linguagem são compreendidas por meio da identificação e descrição de fenômenos linguísticos considerados desviantes em relação à norma. Aqui, o uso de metáforas nas falas de pessoas com demência é observado como dado de linguagem: não é indicador de prejuízo cognitivo, mas se inscreve nos modos singulares de produção de sentido e nas estratégias de reorganização comunicativa desses sujeitos. A partir de quatro dados de fala, discutimos a diluição da experiência física em abstrações aparentemente inusitadas. A metáfora em uso, nesse contexto, não parece ter a intenção deliberada de criar um efeito emotivo, mas apresenta vestígios de subjetividade. Mesmo quando carregadas de um efeito de surpresa, entendemos esse uso criativo — com deslocamentos pouco usuais entre domínios (sociocognitivos) da experiência — como apoiado em um sistema conceptual compartilhado. Inferimos que uma racionalidade imaginativa, que permanece possível no contexto de síndromes demenciais pela memória do corpo, permite que a biografia seja, em alguma medida, mantida, ainda que em desafino, como notas que ressoam em desarmonia.

Palavras-chave: Subjetividade. Metáfora. Neurolinguística.

Abstract: The discourse of individuals with dementia often escapes conventional forms of language. In this context, metaphorical language is frequently interpreted as a language error from a prescriptive grammatical perspective. However, from a neurolinguistic standpoint, language alterations are understood through the identification and description of linguistic phenomena considered deviant in relation to the norm. Here, the use of metaphors in the speech of individuals with dementia is observed as linguistic data: it is not, in itself, an indicator of cognitive impairment, but is inscribed in the singular ways these individuals produce meaning and in their strategies for communicative reorganization. Based on four speech samples, we discuss the dilution of physical experience into seemingly unusual abstractions. The metaphors used in the discourse of people with dementia do not seem deliberately intended to create an emotional effect, but rather present traces of subjectivity. Even when carrying an element of surprise, we understand this creative use—with uncommon shifts between (sociocognitive) domains of experience—as supported by a shared conceptual system. We infer that an imaginative rationality, which remains possible in the context of dementia syndromes through bodily memory, allows biography to be maintained, to some extent, even if out of tune, like notes that resonate with dissonance.

Keywords: Subjectivity. Metaphor. Neurolinguistics.

¹ Mestranda em Saúde Mental, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil. Endereço eletrônico: marinags@unicamp.br.

² Doutora em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), Campinas, SP, Brasil. Endereço eletrônico: morato@unicamp.br.

Introdução

Os discursos de pessoas com demência frequentemente escapam às formas ditas convencionais de linguagem e podem causar surpresa, seja por tentativas de compensar lacunas lexicais, seja por formas singulares de expressão da experiência vivida. Muitas vezes, o uso metafórico, nesse contexto, pode ser tratado como “erros de linguagem” por uma visão gramatical normativista. Entretanto, ao adotar a perspectiva da neurolinguística, enquanto campo híbrido de investigação, entendemos as alterações de linguagem a partir da identificação e classificação de fenômenos linguísticos desviantes ou anormais (Morato, 2010). Essas rupturas comunicativas são observadas em contexto, ou seja, articuladas às situações do cotidiano e à pragmática da linguagem.

O uso de metáforas nas falas de pessoas com demência é aqui observado como dado de linguagem, não é indicador de prejuízo cognitivo em si, mas está inscrito nos modos singulares de produção de sentido e nas estratégias de reorganização comunicativa desses sujeitos. Compreender o lugar das metáforas no discurso de pessoas com demência talvez permita tensionar os limites entre compreensão e incompreensão e ampliar o campo de escuta clínica e narrativa na esfera de uma síndrome demencial. Talvez também permita refletir sobre a sugestão de permanência de self nas pessoas com demência, mesmo em estágios avançados do adoecimento, como sugerem Summa e Fuchs (2015), ou seja, apesar do comprometimento da coerência narrativa, outras camadas da experiência de si permanecem preservadas, e a metáfora pode aparecer como forma de manutenção ou construção de identidade.

Questão da metaforicidade nos adoecimentos e nas síndromes demenciais

“A doença põe a linguagem inevitavelmente sob tensão”, assim escreve o historiador Roy Porter em uma das primeiras linhas do seu texto “Expressando sua enfermidade”: A linguagem da doença na Inglaterra Georgiana” ([1991] 1993). Ao mergulhar no universo microscópico das dificuldades de expressão e compreensão que surgem na conversa entre médico e paciente, em uma escala local e imediata, Porter também se volta

ao universo macroscópico, amplo e histórico, para mostrar como a ciência, inclusive a médica, é moldada por processos históricos. Assim, exemplifica:

Quando um(a) sofredor(a) leva sua 'queixa' ao médico, com frequência surgem dificuldades de tradução entre o idioma do paciente e jargão técnico do profissional. O resultado pode ser uma discussão semântica (Porter, [1991] 1993, p. 367).

O autor diz que se estabelece um processo de negociação entre médico e paciente, no qual a linguagem é tida como moeda de troca. A imagem proposta por Porter sugere que a interação médico-paciente se dá como uma conversa entre duas línguas distintas, implicando um esforço contínuo de ajuste mútuo na construção do sentido. Nessa “fronteira linguística”, instala-se uma forma de comércio simbólico, na qual palavras, expressões e categorias linguísticas circulam como moeda de negociação entre saberes diferentes, como o suposto “saber técnico” e o “saber vivido”. Sobre esse processo, Porter ([1991] 1993, p. 385) reflete que “o uso científico não deveria correr na frente do entendimento”. É justamente nesse espaço de fricção — nessa “linguagem sob tensão”, que não se manifesta apenas na patologia, mas também no hiato entre a fala do médico e a do paciente, quase como se fossem duas línguas distintas — que surgem os diversos problemas de compreensão, entre eles, as metáforas.

A metáfora, tradicionalmente entendida como figura de linguagem, vem sendo revisitada por diferentes campos teóricos. Ela deixa de ser compreendida apenas como uma simples figura de retórica e ganha status de operação cognitiva fundamental. Com essa dobra na compreensão da metáfora e de sua função na língua em uso, os autores defendem que, por meio dela, compreendemos e experienciamos uma coisa em termos de outra, — isto é, a metáfora reflete (ou cria) não apenas nosso modo de dizer, mas também de pensar e agir.

Nesse sentido, é possível questionar: quando uma pessoa com demência recorre a metáforas espontâneas — não estéticas ou linguísticas (Lima, 2000), mas emergentes e carregadas de surpresa —, ela também está expressando uma forma singular e distinta de pensar e sentir o mundo? Uma das formas de compreender a metáfora é justamente como propriedade humana que compõe nosso sistema conceitual e depende dos processos de significação verbal e não verbal e das experiências da vida em sociedade. Assim, o uso

metafórico não se reduz ao plano estilístico, mas participa ativamente da constituição da experiência e da linguagem (Morato; Freitas, 2023).

No contexto das síndromes demenciais, a sociolinguista Pamela Saunders defende que relatos metafóricos descrevem a experiência de saber algo, mas não conseguir expressá-lo plenamente, e que são comuns no discurso de pessoas com demência. Em seus estudos, ela encontrou dois tipos de metáforas: metáforas de objeto e metáforas de processos físicos. As primeiras baseiam-se em imagens de ferramentas e instrumentos que impedem ou dificultam a memória e a recordação, enquanto as segundas referem-se ao próprio processo que atrapalha ou facilita a memória (Saunders, 1998).

Muitos dos estudos pós-lakoffianos discorrem sobre a metáfora construída e compartilhada nas vicissitudes da experiência humana, como doenças e guerras (Morato; Freitas, 2023). A demência pode ser compreendida como um desses contextos em que a metáfora emerge como forma de significar, resistir ou reorganizar a experiência. A ensaísta Susan Sontag, em seu livro *Doença como metáfora* ([1978] 2007), aprofunda essa discussão ao discorrer sobre como o câncer e a tuberculose foram doenças revestidas por narrativas simbólicas e metáforas socialmente compartilhadas. Para Sontag, esse fenômeno não apenas descreve a doença, mas também molda a forma de percebê-la e vivenciá-la.

Para o filósofo canadense Ian Hacking (2007), por exemplo, as classificações diagnósticas, enquanto processo de nomear um adoecimento, interagem com as pessoas “classificadas” por meio do “efeito looping”, ou seja, as pessoas aprimoram e ajustam aquilo que é considerado verdadeiro sobre elas. Assim, as metáforas, por exemplo, podem modificar a relação de uma pessoa consigo mesma e com o mundo.

Exemplificação

Os dados analisados provêm de dois conjuntos principais: (i) recortes clínicos de acervo pessoal e (ii) trechos retirados de artigos científicos da área. Foram selecionados excertos em que as metáforas emergem de forma espontânea no discurso, possibilitando observar seus efeitos comunicativos e interpretativos no contexto interacional.

O primeiro fragmento corresponde à fala de um interlocutor (C.P.) com síndrome demencial moderada, produzida em contexto de interação com um profissional de saúde. A fala ocorreu nos momentos iniciais dessa interação. Ao ser convidado a falar sobre como se sentia, C.P. relata sensações como “cabeça pesada”, além de nervosismo, ansiedade e agitação. Menciona também dificuldades para desempenhar atividades que antes realizava com facilidade, referindo-se a experiências de confusão. A partir desse ponto, a interação se desenvolve da seguinte forma:

- (1) CP: Tenho pensamentos perturbados.
MG: Poderia me explicar melhor?
CP: Não é nada de entender. Meus pensamentos estão formigando.³

Nesse primeiro extrato, o enunciado “meus pensamentos estão formigando” constitui uma metáfora que emerge de forma espontânea no discurso, sem intenção retórica explícita, ainda que esteja em um frame situacional específico, uma consulta médica. A expressão metafórica envolve a compreensão de um domínio da experiência — pensamentos — em termos de um domínio diferente da experiência — formigar. O verbo formigar já tem um uso convencionalizado no domínio corporal, como em “meu braço está formigando”, mas, nesse caso, é deslocado para o campo mental.

Seguindo a proposta de Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 216-217), ao compreendermos a metáfora como um mapeamento, partimos de um domínio de origem — formigar — para um domínio-alvo — parestesia. No sentido dicionarizado, formigar pode ser entendido como “existir em abundância; pulular”, enquanto parestesia é definida como “desordem nervosa caracterizada por sensação anormal e desagradável sobre a pele (queimadura, coceira etc.)” (Michaelis, [s.d.]). Historicamente, usa-se a imagem de formigas andando pelo corpo para descrever uma sensação corporal específica. “Meu braço está formigando” trata-se, portanto, de uma “metáfora morta”, no sentido de Reddy (1979), já se lexicalizou e não é mais percebida como figurativa no uso cotidiano.

Em “meus pensamentos estão formigando” é como se essa metáfora conceptual convencionalizada tivesse sido emprestada do domínio corporal (braço) para o domínio da cognição (pensamentos). Nesse caso, o domínio-fonte permanece formigar, enquanto o

³ Dados de fala provenientes de acervo pessoal da autora, oriundos de interações em contexto de saúde.

domínio-alvo passa a ser pensamentos; o referente parestesia funciona como um domínio intermediário entre a experiência corporal e a experiência cognitiva. Um desdobramento possível das duas metáforas em articulação pode ser pensado em três atos:

- (i) Pensamento como formigamento,
- (ii) Pensamento como corpo,
- (iii) Pensamento como sensação corpórea.

O mapeamento em que “uma parte do corpo formiga” faz parte do nosso sistema conceitual e permite explicar por que entendemos esse novo uso criativo. É como se a própria linguagem revelasse o caminho de deslocamento entre domínios de experiência. Se aplicarmos aqui o conceito de “metáfora de canal” ou “metáfora do conduto” de Michael Reddy (1979), podemos compreender a linguagem como um canal que transfere pensamentos de forma corpórea do paciente para a médica.

O dado ainda corrobora os estudos pós-Lakoff, como o de Jäkel (2003, p. 41), já que a análise no nicho metafórico (Vereza, 2006) permite identificar a articulação de dois domínios abstratos e não a articulação de um domínio-fonte concreto e de um domínio-alvo abstrato. No entanto, no deslocamento de níveis diferentes da cognição para a compreensão de uma experiência, o domínio abstrato alvo (pensamento) é visto como domínio concreto alvo (corpo), como exemplificado no ato (ii).

Assim, outro possível desdobramento da expressão metafórica do Dado 1 é a dissolução de teorias segundo as quais mente e corpo são vistos como entidades separadas. A metáfora surge da experiência corporal e permite que a expressão se dê por meio da corporeidade. Seria essa racionalidade imaginativa um processo cognitivo mais ou menos complexo? Em oposição ao objetivismo lógico que pressupõe que a realidade independe da percepção individual, a articulação entre o sujeito e a realidade por ele percebida parece se dar aqui com um enfoque experientialista. Em seu estudo sobre “Corporalidade e identidade pessoal na demência”, o filósofo e psiquiatra Thomas Fuchs escreve:

The concept of embodied personhood and history is able to change our image of dementia. In the place of a brain- and cognition-centered perspective, we may adopt the view of the patients in their own individual embodiment which, for its part, is embedded in social and environmental contexts. Even when dementia robs the patients of their explicit memories, they still retain their body memory, that means, their familiarity with environments, habits, sensory and motor memories. And instead of relying merely on rationality and autonomy, their self is seen as being primarily based on intercorporeality and interaffectivity, which remain in place despite the progress of the illness (Fuchs, 2020, p. 673-674).⁴

Fuchs, ao apresentar a noção de embodied personhood, escapa de uma posição hierarquizante que atribuiria maior ou menor complexidade a diferentes formas de processamento cognitivo. Ele adota uma postura descritiva, na qual aponta que esse fenômeno – da racionalidade imaginativa – ocorre pela própria corporificação individual e permanece possível no contexto de síndromes demenciais, pela memória do corpo.

A partir do pensamento apresentado pelo autor, na metáfora, a linguagem não seria propriamente um canal (Reddy, 1979) pelo qual pensamentos seriam transferidos de uma pessoa a outra, mas seria um terreno comum de construção, uma vez que o self mantém-se fundamentado justamente no “entre” pessoas, na intercorporeidade e na interafetividade. No próprio fragmento, antes de C. P. dizer “meus pensamentos estão formigando”, ele introduz “não é nada de entender”, como se a adjetivação do referente “pensamentos”, “perturbados”, fosse autoexplicativa, como se não fosse capaz de explicar a origem da familiaridade da experiência descrita, mas sua continuidade fundamental como pessoa existe na conexão que se unifica – e se reatualiza – na metáfora. Seria também a expressão metafórica uma das dimensões de fundamentação do self, mesmo no contexto de avanço da síndrome demencial?

O segundo fragmento corresponde à fala de uma interlocutora (C. G.), com síndrome demencial leve, produzida no contexto de uma interação com profissional de saúde. Ao

⁴ O conceito de pessoa corporeificada (*embodied personhood*) e de história tem o potencial de transformar nossa imagem da demência. Em vez de uma perspectiva centrada no cérebro e na cognição, podemos adotar o ponto de vista dos pacientes em sua própria corporificação individual, a qual, por sua vez, está inserida em contextos sociais e ambientais. Mesmo quando a demência priva os pacientes de suas memórias explícitas, eles ainda retêm a memória do corpo — isto é, a familiaridade com ambientes, hábitos, memórias sensoriais e motoras. Em lugar de depender apenas da racionalidade e da autonomia, o “eu” (*self*) passa a ser compreendido como fundamentado na intercorporeidade e na interafetividade, dimensões que permanecem ativas apesar do avanço do adoecimento. (FUCHS, 2020, p. 673-674). (tradução livre da autora)

final da interação, C. G. explicava como se sentia ao perceber os sinais do próprio envelhecimento.

- (2) CG: Não sei falar mais sobre coisas que acabaram de acontecer; esqueço... Fiquei mais compreensiva com meus filhos; me estresso menos... Me aborreço de perceber que não lembro mais das coisas como antes... Sei fazer as coisas, mas não tenho ânimo; não sei se não ajo ou não reajo... Vejo isso como normal para a idade... Acho que meu cérebro está preguiçoso.⁵

Lakoff e Johnson escrevem que “quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras” ([1980] 2002, p. 57). Nesse contexto, quando C. G. personifica a entidade cérebro ao adjetivá-lo como preguiçoso, ela também o recria enquanto objeto personificado, já que, habitualmente, qualificamos pessoas – não partes do seu corpo – como preguiçosas. Ainda que se assuma cérebro como entidade-sujeito, a metáfora não seria apenas CÉREBRO É UMA PESSOA, mas uma pessoa que pode agir (e trabalhar) e que, no momento, está morosa, desanimada, indolente. Se considerarmos o pressuposto compartilhado no imaginário biomédico ocidental - cérebro concebido como lócus da mente e do sujeito, isto é, como lugar onde “moro eu” - “meu cérebro está preguiçoso” não se trata apenas de uma metonímia parte-pelo-todo (cérebro por eu), mas também de uma personificação desse órgão como um “outro” interno, capaz de querer, sentir, agir.

Quando consideramos cérebro como entidade-sujeito, a metáfora projeta o atributo moral, que recai reflexivamente sobre quem fala - “eu sou preguiçoso”. Esse movimento aproxima o sujeito da experiência, inclusive na dimensão de valor moral. No entanto, se cérebro é uma pessoa, pode haver um deslocamento da experiência para um “outro-eu”, que pode agir e sentir independentemente de mim. Esse movimento se aproxima da antiga solução filosófica de que haveria um homúnculo metafísico presente no cérebro. Ou seja, a metáfora projeta a experiência sobre um “outro”, afasta o sujeito e cria uma cisão simbólica entre “eu” e “meu cérebro”. Ela funciona como uma estratégia de distanciamento ético ou afetivo, uma saída digna - “não sou eu que estou preguiçosa, é meu cérebro”. Essa cisão,

⁵ Dados de fala provenientes de acervo pessoal da autora, oriundos de interações em contexto de saúde.

do ponto de vista sociocognitivo, desloca a responsabilidade moral da experiência do sujeito para uma entidade interna personificada.

Embora reconheça a clássica classificação de Lakoff, essa perspectiva é possível no estudo da linguagem em uso, em que o locus da metáfora estaria no sistema que integra língua, cognição e exterior discursivo. Vereza (2013, p. 112) observa que essa visão “contempla apenas o retrato e não a dinâmica da construção de sentidos característica da enunciação em que a metáfora em uso se insere”. No caso do discurso de C. G., ela parece incomodada ao narrar seu processo de envelhecimento – no contexto de uma síndrome demencial. Ela pontua: “vejo isso como normal da idade”. O deslocamento gerado pela metáfora parece atuar como uma estratégia narrativa, com efeito simultâneo de aproximação e de afastamento, que permite ao sujeito narrar a experiência distanciando-se da esfera moralizante da preguiça, sem negar a sensação vivida.

Os próximos dois fragmentos provêm de artigo publicado pela sociolinguista Pamela Saunders, em 1998. No texto, a pesquisadora examina a construção social da identidade de pessoas idosas com demência por meio de relatos sobre a perda da memória. Os dados consistem em transcrições de avaliações neuropsicológicas, realizadas na Memory and Alzheimer’s Clinic da Universidade da Califórnia, em São Francisco, nos Estados Unidos. Como se observa em (3), há um uso metafórico associado à experiência cognitiva (Saunders, 1998).

- (3) C: Wh - what was his name? Your husband's name?
 P: (3 sec) Now, see, Michael I guess,
 C: Okay.
 P: I’m not sure, now, that, you, mention, it.
 C: Okay.
 P: Is not that awful, it’s just that my brain is off (cough) a key (laughs).
 C: Your brain is off key?
 P: Um hm
 C: Okay.
 P: (laughs) d- d- don’t tell anybody.
 C: I - I won’t. I won’t.

O fragmento “my brain is off a key” (“meu cérebro está desafinado”) é bastante semelhante ao dado (2), “meu cérebro está preguiçoso”. Em ambas, o domínio-fonte

(desafinação ou preguiça) é usado para compreender algo sobre o domínio-alvo (cérebro). As expressões, portanto, mobilizam um processo semelhante de metáfora ontológica, com personificação do cérebro, mas o framing interacional é diferente. No caso da conceptualização “cérebro preguiçoso”, a metáfora pode produzir um duplo movimento: de um lado, pode promover a ponte linguística entre sujeito e experiência; de outro, aproxima paciente e médico ao acionar um sistema conceptual compartilhado – a preguiça como um atributo humano reconhecível. Já no caso de “cérebro desafinado”, a metáfora também emerge espontaneamente no discurso, mas no contexto de avaliação neuropsicológica. Nesse enquadre interacional, acompanhada de risos e cumplicidade, parece funcionar como uma estratégia pragmática de atenuação e de humor.

Essa concepção interacional da metáfora evidencia aspectos importantes da perspectiva sociocognitiva da linguagem (Morato, 2012), como a intencionalidade compartilhada, a atenção conjunta e a intersubjetividade (Tomasello, 1999), e permite refletir sobre suas repercussões para compreensão de aspectos clínicos no contexto das síndromes demenciais. Ao se considerar que o sentido emerge da e na interação, e não de estruturas mentais isoladas, a metáfora passa a ser entendida como um fenômeno discursivo que expressa, ao mesmo tempo, processos cognitivos e relacionais. Assim, enunciados como “meu cérebro está desafinado” ou “meu cérebro está preguiçoso”, uma vez analisados em conjunto com o *framing* interacional, não apenas podem revelar modos de compreender a própria experiência subjetiva de alteração cognitiva, mas também modos de agir linguisticamente diante do outro — podem produzir humor, atenuação, cumplicidade, inferência. Desse ponto de vista, o estudo da metáfora, em contextos clínicos, não se restringe à investigação das representações conceituais da pessoa com demência, mas amplia-se para o olhar sobre como tais metáforas participam da construção intersubjetiva nas interações, de uma forma geral, e no encontro terapêutico, em particular. Elas se tornam, portanto, modos de negociar identidades, afetos e lugares de fala dentro da cena clínica.

Ainda sobre os Dados 2 e 3, Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 91) explicam que nos casos de metáfora de personificação, atribuímos qualidades humanas a entidades não humanas, aqui representadas por cérebro. Para os autores, esse movimento seria diferente do gerado, por exemplo, em “O sanduíche de presunto está esperando sua conta”, em que

usamos uma entidade para nos referirmos a outra, sem lhe atribuir qualidades humanas. Esse exemplo, os autores chamam de metonímia. Seria “meu cérebro está desafinado” uma metáfora de personificação ou metonímia?

É possível compreendermos o cérebro não apenas como palavra, mas como entidade — polissêmica, situada em diferentes camadas explicativas; biológica, subjetiva, simbólica. O que desafina quando o cérebro desafina? Ou o que acontece com o cérebro quando ele desafina? A questão que se impõe não pode ser reduzida a um simples efeito material. Desafinar implica perda, perder a afinação, ou estar em desarmonia com algo. Ao mesmo tempo, quem desafina é um instrumento musical, que, dessa forma, pode alterar a melodia de uma música. Assim, a entidade cérebro, nesse exemplo, torna-se também entidade instrumento musical e, o que ele produz (pensamento, consciência, linguagem), não de forma linear ou mecânica, é assimilado como entidade música. Follesdal (1999) diz que “o significado é uma construção humana”, ou seja, o significado de uma expressão linguística é um produto da interação humana, de um conjunto de evidências, o que ele denomina tese MMM (*Man Made Meaning*). Talvez o “desafinar” seja também referente à sensação de “coerência interna” (Fuchs, 2018) no contexto do cérebro como embodied and enactive mind, ou seja, enquanto órgão relacional. Nessa interpretação, a expressão “meu cérebro está desafinado” é metafórica.

No entanto, se o que desafina é um instrumento musical, outra forma de leitura é redigir a pergunta como “o que desafina na pessoa?”. Se entendermos a voz como instrumento, por analogia funcional, é possível compreender “cérebro desafinado” como metonímia, em que uma parte (voz ou cérebro) representa o todo (pessoa). Essa diferenciação é importante, pois metáfora e metonímia têm funções distintas. Segundo Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 91 e 92), a metáfora é uma forma de conceber uma coisa em termos de outra – a função é compreensão. A metonímia é o uso de uma coisa para representar outra, e a parte selecionada determina quais aspectos do todo estamos enfatizando – a função é referencial e também de entendimento. Por exemplo, em “o sanduíche de presunto está esperando sua conta” não há interesse na pessoa como pessoa, mas como freguês; assim, essa metonímia tem um caráter desumanizador (Lakoff; Johnson, [1980] 2002, p. 97). Em “meu cérebro está desafinado” não há um endereçamento à pessoa como pessoa, mas talvez à pessoa-biográfica. Quando P. não se recorda o nome

do marido, é como se não recordasse também parte de sua história, como se o cérebro, enquanto instrumento, não desse conta de reproduzir uma melodia (história) conhecida, pois está desafinado – perdeu a afinação, está em desarmonia. No fragmento, P. prossegue, entre risos, e diz “não conte para ninguém”, como se, em tom de humor, o desafino fosse uma constatação compartilhada em segredo. Podemos pensar que, assim como um instrumento desafinado ainda toca uma melodia, uma pessoa desafinada mantém sua biografia, mas talvez com “notas em desarmonia”.

Uma característica interessante desse dado está no detalhe de P. não usar a expressão esperada do idioma “off key” (fora do tom, desafinado); ela diz “off a key”. Ao incluir o artigo, é como se deslocasse a expressão da função adjetival para uma construção em que key (chave) assumisse o lugar de substantivo. Assim, desmonta (ou remonta) a expressão idiomática “fora do tom”, que, por vezes, se refere ao não cumprimento de regras preestabelecidas e, por vezes, à aceitação de eventuais imperfeições. Esse pequeno desvio observado na fala de P., abre uma fresta para pelo menos dois caminhos; por um lado, o cérebro aparece “fora de um tom” específico, isto é, sem um enquadre tonal definido; por outro, deixa entrever a imagem de um cérebro “sem uma chave” (objeto ou ferramenta que permite que algo seja aberto, destravado, decifrado, desvelado). Assim, o cérebro se apresentaria como um recipiente fechado, insondável, enigmático – ainda que repleto de possibilidades (conhecimentos, percepções etc.) a serem desveladas. Quem desafina não desaparece da música; continua presente e produz som, mas em descompasso com o tom combinado ou esperado, ou seja, há um desalinho em relação ao acordo coletivo.

Se uso o domínio-fonte desafinação para compreender algo sobre o domínio-alvo cérebro, posso atribuir ao cérebro características de quem desafina, por exemplo, de instrumento: uma estrutura organizada, capaz de produzir música, mas depende de um agente que o toque e o mantenha afinado para seu bom funcionamento. Mas, por outro lado, se o que desafina é a voz, posso atribuir ao cérebro características humanas – a voz torna-se metonímia do sujeito, e o cérebro, parte que representa o todo. Mas qual seria esse todo? Se considerarmos a voz como parte, o todo poderia ser a própria pessoa. Mas no contexto do fragmento analisado (3), a fala sucede à pergunta sobre o nome do marido de P., cuja resposta ela não apresenta. Assim, o todo pode ser o conjunto de processos

cognitivos, aproximando-se da concepção de cérebro proposta por Luria (1981) – “cérebro em funcionamento” seria um sistema funcional complexo que abrange diferentes níveis e componentes, cada um dos quais oferece sua contribuição própria para a estrutura final da atividade mental. A metáfora aponta, assim, para um destino em relação a regras e enquadres compartilhados; é como um “não saber parcial”.

O fragmento (4) a seguir também foi retirado do estudo de Saunders (1998). Em seu artigo, a autora detalha um diálogo entre um profissional e a paciente P., descrita como portadora de demência e com dificuldade para encontrar palavras. O entrevistador pergunta sobre a carreira de P. e faz diversas tentativas antes de voltar a questioná-la em “and what did you do at this big place with food?”.

- (4) C: Hav - have - have, ah - you ever worked outside of the home?
 P: (..) Mmm hmmm, I think I did.
 C: OK
 P: I use - worked in - oh that was a long time ago. When they, ah - where the clubs, big clubs,
 C: Mm hm
 P: No. (...) Where did I used to - live, with s - with some. Work - I worked in a in a big place where there were food where there was - was food=
 C: =Mm hm
 P: Now I can't remember what to say and ah -
 C: And what did you do at this big place with food?
 P: (..) That's where all the, the food went in I think.
 C: Mm hm
 P: Oh heavens ah - I know I worked in many places but I just - My brain is gone on strike I think (laugh)=
 C: =(laugh) Your brain's on strike
 P: Okay, all right

No extrato “meu cérebro entrou em greve”, o domínio-fonte “greve” é usado para compreender algo sobre o domínio-alvo “cérebro”. Nesse exemplo, também temos uma metáfora estrutural ontológica enunciada pela senhora P. No sentido dicionarizado, greve refere-se a uma “aliança, acordo de operários, funcionários, estudantes, que recusam trabalhar ou comparecer onde devem, enquanto não lhes atenderem às reivindicações ou não chegarem a algum acordo” (Michaelis, [s.d.]). Do ponto de vista do movimento, greve remete a protesto, paralisação, ocupação.

Se, na greve, os trabalhadores se opõem a um outro, maior – no qual estão inseridos enquanto classe –, que deve atender às suas reivindicações ou estabelecer algum tipo de acordo, o cérebro, enquanto grupo de trabalhadores, se opõe a um outro, maior – no qual está inserido enquanto órgão –, o corpo ou a pessoa. À luz do pensamento de Charles Fillmore, Lakoff e Johnson propõem uma intrigante reflexão sobre a “contradição da metáfora aparente”. Eles descrevem que o tempo passa por nós de frente para trás e pode ser entendido como (i) objeto parado, e nós nos movemos através dele em direção ao futuro, ou como (ii) objeto em movimento que se move em nossa direção. São duas imagens distintas, mas que, de alguma forma, se “encaixam”. Assim, os autores sugerem que “as ligações entre as metáforas envolvem, provavelmente, mais coerência do que consistência” (Lakoff; Johnson, [1980] 2002, p. 104). Esse movimento sugere uma inversão de agência – ora somos nós que nos movemos, ora é o tempo que se move.

De modo semelhante, no fragmento (4) também se pode imaginar uma inversão do agente. Nesse diálogo, a metáfora projeta um funcionamento social (greve) para um funcionamento cognitivo (cérebro). É possível inferir, nessa paridade de importância entre os domínios fonte e alvo, uma inversão de agência. Poderíamos imaginar que quem age é o corpo-pessoa, mas aqui o cérebro não apenas é apresentado como agente, como também se coloca em oposição ao corpo-pessoa. No prolongamento dessa metáfora, “entrar em greve” implica não apenas a paralisação de um funcionamento, mas também uma relação de condição e recompensa. A greve se instaura quando o trabalho não é reconhecido, quando a ação deixa de ser recompensada ou quando as reivindicações são negligenciadas ou não atendidas. Assim, se o cérebro “entra em greve”, é porque, em alguma medida, deixou de ser recompensado por funcionar ou por funcionar em boas condições (de remuneração, segurança, higiene, jornada de trabalho, direitos e deveres previstos, conforto, etc.). Mas qual seria a natureza dessa “recompensa” na alusão ao cérebro grevista feita por P. em meio à sua narrativa sobre trabalho realizado fora de casa?

Saunders (1998), no artigo do qual o dado foi retirado, ao ler esse trecho, descreve que P., na tentativa de encontrar a palavra certa, perde o fio da pergunta (linha 8) e evoca a imagem de operários em linha de montagem em greve (linha 12), o que faz a linha de produção parar, e, assim, faz o cérebro parar. Segundo a autora, P. atribui sua falha de memória à interrupção do processo de trabalho. Dessa forma, a metáfora criaria uma

distância entre sua identidade competente e sua identidade esquecida e manteria um senso legítimo de si mesma dentro da interação.

No entanto, o efeito de distanciamento – cisão – promovido pela expressão metafórica “meu cérebro entrou em greve” não é apenas de criação de dois lugares, mas de dois espaços em relação dialética, de oposição. O cérebro reivindica algo do corpo-pessoa e, não encontrando, protesta e deixa de trabalhar. No *framing* interacional – construído sobre a temática do trabalho – é a pessoa-corpo que, ao reivindicar uma memória (do cérebro) e não a encontrar, protesta: “meu cérebro entrou em greve”! A recompensa, ou o capital em jogo, poderia ser, portanto, a precisão dos eventos evocados, a coesão interna da reminiscência, o senso de eficácia comunicativa.

Os desdobramentos de compreender a memória como moeda podem ser diversos. Vladimir Safatle, em “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”, de 2021, desenvolve a ideia de que há, na dimensão social, “a produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida”. A memória, nesse contexto, pode ser interpretada como “capital psíquico”, um repositório da experiência e do desempenho passados, um dado a ser otimizado, gerido e rentabilizado pela narrativa da eficiência subjetiva e informativa.

Comentários finais

Lakoff (1992) defende o estabelecimento cuidadoso da distinção literal-metafórica, “aqueles conceitos que não são compreendidos por meio de metáforas conceituais podem ser chamados de literais” e dá exemplos como “The balloon went up” (O balão subiu) e “The cat is on the mat” (O gato está no tapete). No entanto, Lakoff descreve que, quando nos afastamos da experiência física concreta e passamos a falar de abstrações ou emoções, a compreensão metafórica torna-se a norma.

Nos dados apresentados, observamos a diluição da experiência física em abstrações aparentemente inusitadas, como “voos verbais da imaginação” (Porter, 1993 [1991], p. 370). Legroski (2016) descreve esse processo como um “deslizamento de sentido”, no qual uma palavra é usada para qualificar outra. De forma semelhante, Lima

(2000, p. 80) descreve a metáfora como “transferência de um termo para uma esfera de significado que não é sua, em virtude de uma comparação implícita”.

A partir disso, poderíamos nos perguntar se seria possível identificar esse tipo de comparação implícita no discurso de pessoas com demência enquanto manifestação de reflexividade discursiva e cognitiva dos sujeitos, não apenas índice da doença, ou um de seus sintomas. Caso a resposta seja sim, a metáfora se manteria no discurso de pessoas com demência mesmo em estágios mais avançados do adoecimento? Se esse fenômeno de comparação implícita estiver relacionado à linguagem e a outros processos cognitivos, como uma “memória discursiva”, a metáfora poderia ser interpretada como um traço — ainda que fragmentário — de sua presença. A metáfora assenta em uma relação de similaridade (Legroski, 2016), fundamentada na associação de ideias: “a folha da árvore dá o seu nome à folha de papel em razão da pequena espessura de uma e outra” (2016, p. 80). Com isso, a resposta à questão posta em relevo seria positiva. No contexto de uma síndrome demencial, seria essa associação consciente, ou seja, o sujeito estaria ciente de sua produção particular de sentido?

Nos dados, o sintagma “meus pensamentos estão formigando” é uma metáfora no sentido largo, não parece uma catacrese, ou seja, um uso de sentido metafórico menor, já muito convencionalizado na linguagem cotidiana. No dado em questão, ele traz um elemento criativo que provoca surpresa. Nesse sentido, talvez não se trate de um simples “deslizamento” de sentido, mas de uma dobra, em que novos significados emergem no próprio ato de dizer. Lima (2000), ao distinguir a metáfora estética, que “mergulha raízes na intenção deliberada de criar efeito emotivo”, e a linguística, que “tornada hábito da língua, já não sente nenhum vestígio de inovação criadora pessoal”, explica que esta última também pode ser chamada de “metáfora linguística de catacrese”.

Do mesmo modo, no enunciado “meu cérebro está desafinado” não parece haver intenção deliberada de criar efeito emotivo, mas há vestígio de inovação criadora pessoal. O uso da palavra “desafinado” para qualificar “cérebro” ocorre de forma espontânea, emergente, não intencionalmente estética, mas de forma inovadora e com efeito de surpresa, como uma metáfora intermediária entre a retórica e a linguística, que mantém a significação e a inferência compreensíveis.

Saunders afirma que pacientes com demência utilizam “relatos metafóricos da memória” (*metaphor memory accounts*) para explicar a perda de memória e a recordação. Ela descreve que esse uso está relacionado à experiência de sentir que sabe algo, mas não conseguir expressá-lo por completo. Para a pesquisadora, o emprego de metáforas no contexto de uma síndrome demencial estaria associado à dificuldade de acessar a informação desejada (Saunders, 1998, p. 75). O foco da autora recai sobre a função das expressões metafóricas nas falas de uma pessoa com demência.

Outra forma de abordá-las seria refletir sobre o que a presença dessas expressões, especialmente quando observadas no discurso espontâneo, revela acerca da própria experiência vivida.

Em outra perspectiva do fenômeno, Steen (2008) assinala um paradoxo da metáfora, ou seja, nem sempre as metáforas são compreendidas metaforicamente, e propõe resolvê-lo ao investigar se, na comunicação, são usadas de forma deliberadamente metafórica ou não. Assim, o autor defende que toda “metáfora da comunicação” (ou seja, deliberada) é processada metaforicamente (2008, p. 213) dentro de um modelo tridimensional da metáfora no discurso, que envolve metáfora na linguagem, no pensamento e na comunicação. Talvez, a metáfora da comunicação que permeia o discurso de pessoas com demência, que mobiliza o efeito de surpresa, seja deliberada. Contudo, parece que aqui ela é processada de forma mais articulada pelas metáforas na linguagem e na comunicação. O processamento metafórico no pensamento, por sua vez, enquanto um “deslizamento de sentido” que, surpreendentemente, faz sentido, de algum modo, é delas dependente, sendo, portanto, ele também um ato de significação.

Ainda que, muitas vezes carregadas de um efeito de surpresa, entendemos que um novo uso criativo, com deslocamentos pouco usuais entre domínios da experiência, parte de um sistema conceptual compartilhado. É o que Vereza (2013, p. 121) vai chamar de “criar novas telas de experiência, a partir de pinceladas sobre telas de sentidos já existentes, mesmo que esses não alcancem, explicitamente, a superfície de nossa consciência”. A metáfora surge da experiência corporal e permite que a expressão se dê pela corporeidade. Em oposição ao objetivismo, a articulação aqui parece se dar com um enfoque experiencialista. Como observamos no relato de P. (3), assim como um instrumento desafinado ainda é capaz de tocar uma melodia, podemos inferir que a racionalidade

imaginativa — que permanece possível no contexto de síndromes demenciais pela memória do corpo e das experiências discursiva e sociocognitivamente ancoradas — permite que a biografia talvez seja mantida, ainda que em desafino, como “notas em desarmonia”.

Referências

- FØLLESDAL, Dagfinn. **Mind and Meaning**. Philosophical Studies: An International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition, v. 94, n. 1/2, p. 139–149, 1999.
- FUCHS, Thomas. **Ecology of the Brain: The phenomenology and biology of the embodied mind**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- FUCHS, Thomas. Embodiment and personal identity in dementia. **Medicine, Health Care and Philosophy**, v. 23, p. 665–676, 2020.
- HACKING, Ian. Kinds of people: moving targets. **Proceedings of the British Academy**, v. 151, p. 285–318, 2007.
- JÄKEL, Olaf. **Wie Metaphern Wissen schaffen: die kognitive Metapherntheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion**. Hamburg: Dr. Kovač, 2003.
- LAKOFF, George. **The contemporary theory of metaphor**. In: ORTONY, Andrew (org.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LEGROSKI, Marina Chiara. Metáfora e gramática: a categorização de um fenômeno multifacetado. **Revista Letras**, Curitiba, n. 93, p. 1-20, 2016.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. Tradução de: *The Working Brain – An Introduction to Neuropsychology*. ISBN 85-216-0152-2.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 28 out. 2025.
- MORATO, Edwiges Maria. As querelas da semiologia das afasias. In: MORATO, Edwiges Maria. **A semiologia das afasias**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORATO, Edwiges. O estudo da metaforicidade no campo da neurolinguística: velhas questões, novos desafios. In: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela (org.). **Cognição na linguagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 173–196.

MORATO, Edwiges Maria; FREITAS, Nathália Luiz de. Confrontos epistêmicos na percepção social das afasias e da doença de Alzheimer por meio de metáforas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 65, p. 1–23, 2023.

PORTER, Roy. “Expressando sua enfermidade”: a linguagem da doença na Inglaterra Georgiana. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade: estudos de história social**. São Paulo: Editora UNESP, 1993. p. 141–160.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284–324.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 23–56.

SAUNDERS, Pamela. “My brain’s on strike”: the construction of identity through memory accounts by dementia patients. **Research on Aging**, v. 20, n. 1, p. 106–133, 1998.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. Tradução de Márcio Ramalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEEN, Gerard. The paradox of metaphor: why we need a three-dimensional model of metaphor. **Metaphor and Symbol**, New York, v. 23, n. 4, p. 1–46, 2008.

SUMMA, Michela; FUCHS, Thomas. Self-experience in dementia. **Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 387–405, 2015.

VEREZA, Solange Coelho. Novos caminhos para o estudo da metáfora. In: ZYNGIER, Sonia; VIANA, Vander; SPALLANZANI, Ana (org.). **Linguagens e tecnologias: estudos empíricos**. Rio de Janeiro: Publit, 2006. p. 145–164.

VEREZA, Solange. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109–124, jan./jun. 2013.

ZANOTTO, Mara Sophia; MOURA, Heronides Maurílio de Melo; NARDI, Maria Isabel Asperti; VEREZA, Solange Coelho. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

TOMASELLO, Michael. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

Sobre as autoras

Marina Guitti de Souza

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5264-2078X>

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Médica psiquiatra, com especialização em Psiquiatria Geriátrica pela Unicamp. É preceptora do Programa de Residência Médica em Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Edwiges Maria Morato

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0986-2630X>

Professora e pesquisadora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Mestre e doutora em Linguística pela Unicamp, com período sanduíche na Université de Sorbonne-Nouvelle (Paris III), na França. Graduiu-se em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Realizou pós-doutorados na Universidade de Paris XII e na Université Lumière II (França).